

MERCADO DE TRABALHO

Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas

Sumário

Ao longo dos últimos meses, o mercado de trabalho brasileiro vem mostrando sinais de arrefecimento, caracterizado por uma leve aceleração da taxa de desocupação, o que reflete na perda de dinamismo da população ocupada. Segundo os dados mensais produzidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea),¹ com base nas séries de trimestres móveis da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desocupação dessazonalizada – após recuar fortemente, chegando a 8,3% em outubro de 2022, menor patamar desde abril de 2015 –, acelerou lentamente, de modo que em janeiro alcançou 8,6%, nível em que se manteve em fevereiro. Na comparação com fevereiro de 2022, entretanto, a taxa de desocupação registra queda de 2,6 pontos percentuais (p.p.).

A análise dos dados da PNAD Contínua mostra que esse movimento recente da taxa de desocupação é decorrente de uma retração da população ocupada. Em fevereiro, mesmo diante de uma pequena recuperação, na comparação com janeiro, o contingente de, aproximadamente, 98 milhões de ocupados na economia brasileira era cerca de 2,1 milhões menor que o registrado em junho de 2022, momento em que atingiu o patamar máximo da série. Em relação ao mesmo período do ano passado, o número de trabalhadores ocupados revela expansão de 2,7%. Nota-se, ainda, que este arrefecimento da ocupação vem ocorrendo de forma mais intensa no setor informal. No último trimestre, encerrado em fevereiro, enquanto a população ocupada formal se expandiu a uma taxa média interanual de 5,0%, a registrada entre os trabalhadores informais foi de apenas 0,4%.

Deve-se ressaltar, também, que o aumento recente da taxa de desemprego tem sido atenuado pelo recuo da taxa de participação, que passou de 63,5%, em junho, para 61,4%, em fevereiro, refletindo a desaceleração da força de trabalho. Em fevereiro, o número de trabalhadores ocupados ou que estavam à procura de emprego era de, aproximadamente, 107 milhões, o que corresponde a uma queda de 2,7% em relação a junho de 2022, momento em que atingiu o maior valor da série (110 milhões).

1. As séries mensalizadas foram obtidas a partir da metodologia desenvolvida por Marcos Hecksher, disponível em: <https://bit.ly/3VOuWnv>.

Maria Andréia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Carlos Henrique Corseuil

Diretor de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea

carlos.corseuil@ipea.gov.br

Lauro Ramos

Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea

lauro.ramos@ipea.gov.br

Divulgado em 11 de abril de 2023.

Ainda de acordo com a pesquisa do IBGE, os microdados trimestrais – que permitem uma análise mais detalhada do mercado de trabalho brasileiro - mostram que a queda da população ocupada do terceiro para o quarto trimestre de 2022 ocorreu por um recuo maior dos fluxos de entrada na ocupação (de 44,9% para 43,2%) relativamente ao fluxo de saída da ocupação (de 43,9% para 43,1%). Ou seja, a retração da população ocupada é explicada mais fortemente pela queda nas contratações que pelo aumento das demissões.

Por fim, a abertura setorial revela que a evolução positiva na população ocupada agregada entre os quartos trimestres de 2021 e 2022 é resultado da melhora do emprego em praticamente todos os segmentos, excetuando-se a agricultura, a construção civil e os serviços industriais de utilidade pública (Siups). No entanto, quando comparados às taxas interanuais registradas no terceiro trimestre de 2022, os resultados para o quarto trimestre mostram redução em dez dos treze setores pesquisados, com destaques negativos para serviços pessoais (de 24% para 9,8%), serviços domésticos (de 9,6% para 2,1%), administração pública (de 8,8% para 3,7%), alojamento e alimentação (de 8,5% para 3,5%) e comércio (de 7,8% para 4%).

1 Aspectos gerais

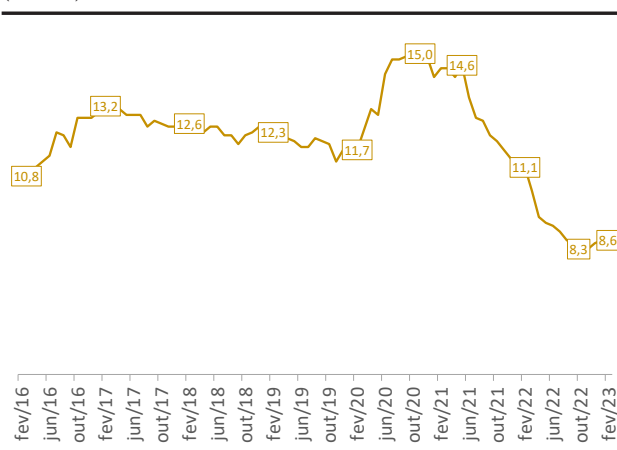
Ao longo dos últimos meses, o mercado de trabalho brasileiro vem mostrando sinais de arrefecimento, caracterizado por leve aceleração da taxa de desocupação, o que reflete na perda de dinamismo da população ocupada. Segundo os dados mensalizados da PNAD Contínua, observa-se que após recuar fortemente, atingindo 8,3% em outubro de 2022 – menor patamar desde abril de 2015 –, a taxa de desocupação dessazonalizada veio acelerando lentamente, de modo que atingiu 8,6% em fevereiro, embora estável na margem (gráfico 1). Na comparação com fevereiro de 2022, entretanto, a taxa de desocupação ainda registra queda de 2,6 p.p.

O movimento recente de elevação da taxa de desocupação é decorrente de uma retração da população ocupada, que, embora mostre alguma recuperação na margem, registra trajetória de desaceleração desde meados de 2022. Em fevereiro, o número de ocupados na economia brasileira era de, aproximadamente, 98 milhões, o que representa queda de 2,1 milhões de trabalhadores em relação ao registrado em junho de 2022, quando atingiu o ponto mais alto da série (gráfico 2). Na comparação com o mesmo período do ano anterior, a população ocupada aponta expansão de 2,7%. Nota-se, ainda, que este arrefecimento da ocupação vem ocorrendo de forma mais intensa no setor informal.² Por certo, no último trimestre, encerrado em fevereiro, enquanto a população ocupada formal³ se expandiu à taxa média interanual de 5,0%, a registrada entre os trabalhadores informais foi de apenas 0,4% (gráfico 3).

2. Ocupação informal compreende o trabalhador sem carteira assinada nos setores privado e público, o trabalho doméstico sem carteira, o empregador sem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), o por conta própria sem CNPJ e o trabalhador familiar auxiliar.

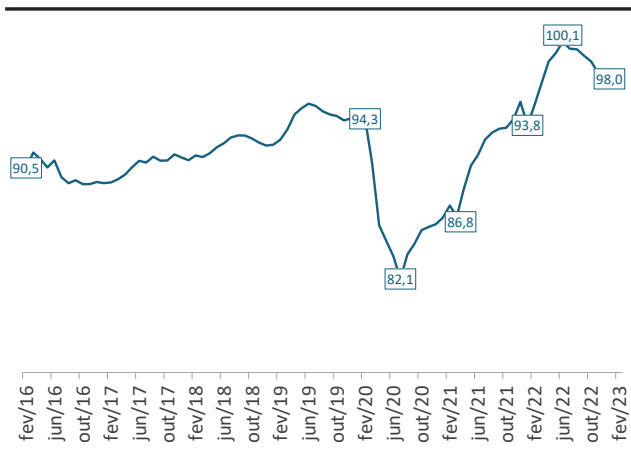
3. Ocupação formal compreende o trabalhador com carteira nos setores privado e público, os militares e estatutários, o trabalho doméstico com carteira, o empregador com CNPJ e o por conta própria com CNPJ.

GRÁFICO 1
Taxa de desocupação dessazonalizada (Em %)



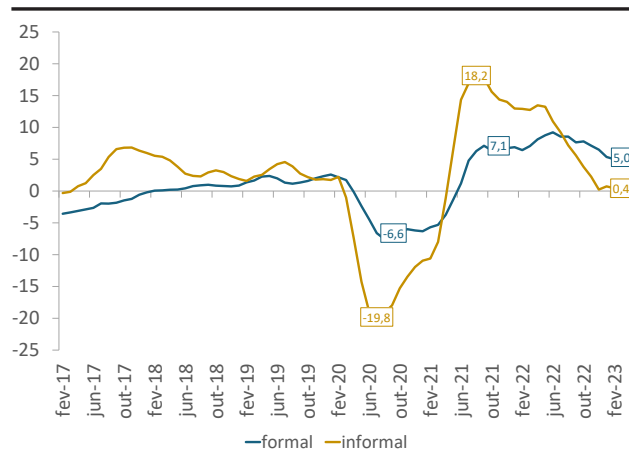
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2
População ocupada: dados dessazonalizados
 (Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

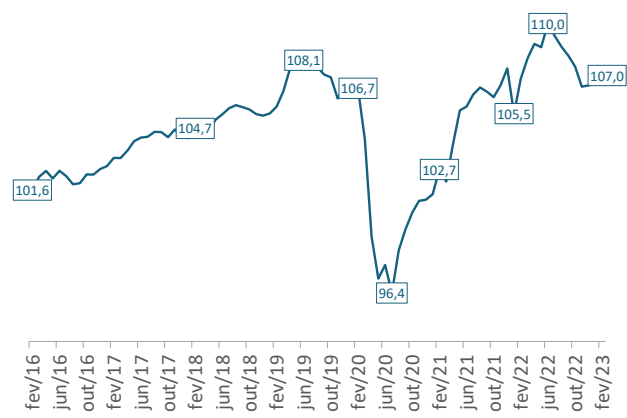
GRÁFICO 3
População ocupada por vínculo empregatício – Taxa de crescimento interanual
 (Médias móveis trimestrais, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

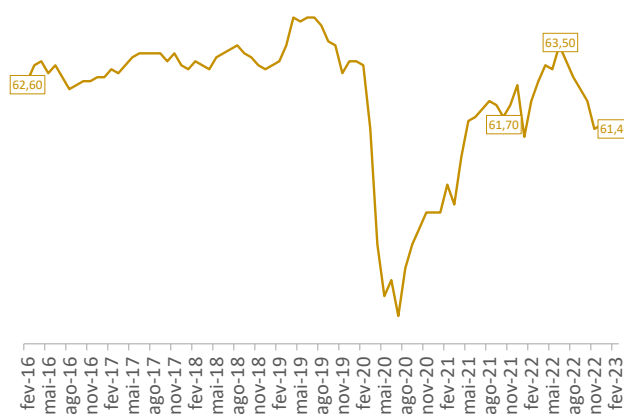
Os dados da PNAD Contínua mostram também que esse aumento da taxa de desocupação vem ocorrendo mesmo em um contexto de desaceleração da força de trabalho (gráfico 4). Em fevereiro, o número de trabalhadores ocupados ou que estavam à procura de emprego era de, aproximadamente, 107 milhões, o que corresponde a uma queda de 2,7% em relação a junho de 2022, momento em que atingiu o maior patamar da série (110 milhões). Como consequência desta retração da força de trabalho, a taxa de participação também vem recuando, gradativamente, nos últimos meses, chegando a 61,4% em fevereiro (gráfico 5).

GRÁFICO 4
Força de trabalho: dados dessazonalizados
 (Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5
Taxa de participação dessazonalizada
 (Em %)

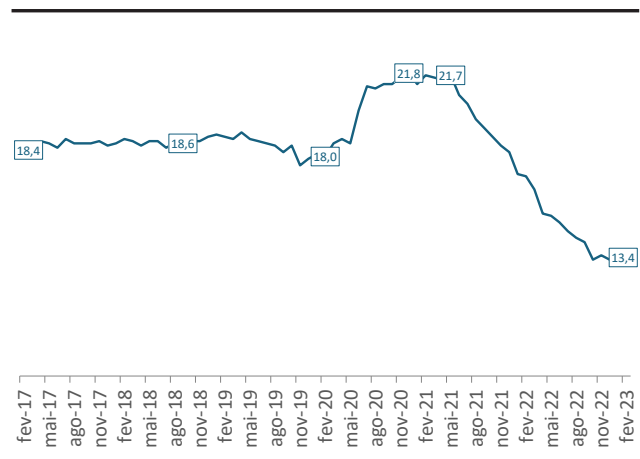


Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Disoc/Ipea.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No caso da taxa combinada de desocupação e subocupação (gráfico 6), os dados mostram que diante de um desempenho mais favorável da população subocupada,⁴ esta taxa vem apontando uma trajetória de desaceleração – chegando a 13,4% em fevereiro. Por certo, ao longo do último trimestre, o número de trabalhadores que se declararam subocupados passou de 5,5 milhões, em novembro de 2022, para 5,2 milhões, em fevereiro de 2023, o que corresponde a uma queda de 4,8%. Em contrapartida, o número de desocupados avançou de 8,8 milhões, em novembro, para 9,1 milhões em fevereiro. Em relação a fevereiro de 2022, no entanto, a população desocupada ainda registra queda de 20%.

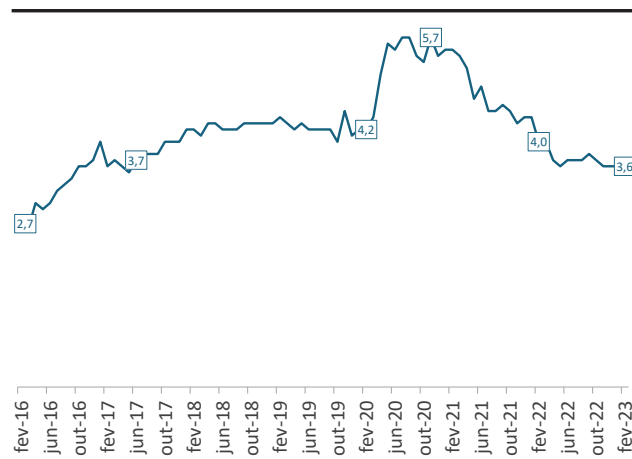
Assim como vem ocorrendo com a subocupação, o número de desalentados, medido pela PNAD Contínua, também mantém comportamento favorável. Em fevereiro de 2023, o percentual de indivíduos que estavam fora da força de trabalho por conta do desalento manteve-se em 3,6%, o que significa um recuo de quase 0,4 p.p. em relação ao percentual observado no mesmo período de 2022 (gráfico 7).

GRÁFICO 6
Taxa combinada de desocupação e subocupação dessazonalizada
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7
Proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho
(Em %)



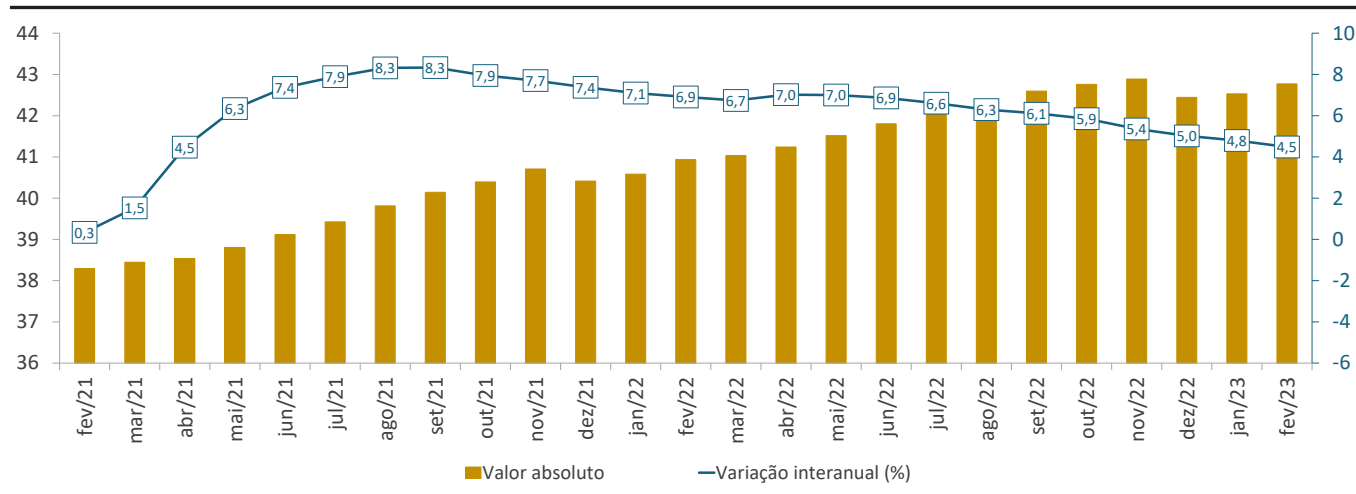
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Na mesma direção apontada pela PNAD, os dados mais recentes do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) também retratam um arrefecimento no ritmo de crescimento do emprego formal. De acordo com o levantamento do Ministério do Trabalho e Previdência, em fevereiro, no acumulado em doze meses, a economia brasileira gerou 1,83 milhão de novas vagas com carteira assinada, recuando 5,7% em relação ao observado no mês imediatamente anterior e 30,6% na comparação com o mesmo período de 2022. Nota-se, no entanto, que mesmo em desaceleração, o número de vagas criadas com carteira tem possibilitado uma expansão do estoque de trabalhadores formais, que chegou a 42,8 milhões, em fevereiro, o que representa alta de 4,5% na comparação com o mesmo período do ano anterior (gráfico 8).

4. Segundo o IBGE, o conceito de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas se refere à população que está trabalhando menos de quarenta horas semanais, mas tem disponibilidade e gostaria de trabalhar mais.

GRÁFICO 8

Novo Caged: estoque de empregos formais, em valor absoluto (milhões de pessoas) e variação interanual (Em %)



Fonte: Novo Caged/Secretaria de Trabalho.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

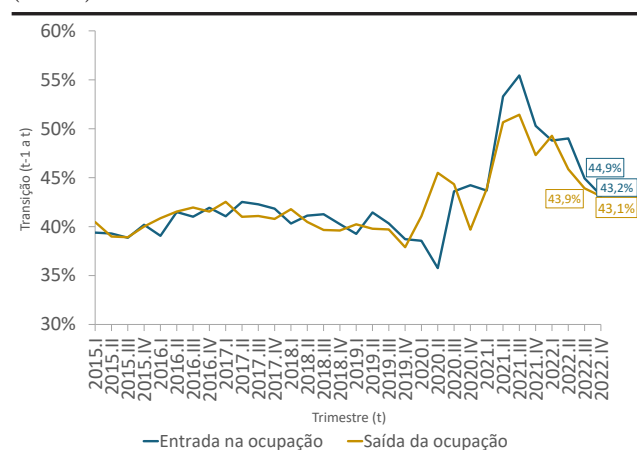
2 Análise dos fluxos de ocupação e desocupação

Um retrato mais detalhado do mercado de trabalho pode ser obtido por meio da análise dos determinantes da evolução da ocupação e do desemprego sob uma perspectiva dinâmica, pelo exame da evolução das transições entre diferentes posições ocupadas pelos indivíduos no mercado de trabalho, complementando a tradicional análise da evolução dos estoques. Para tal, utilizam-se os microdados da PNAD Contínua, cuja estrutura prevê que domicílios e seus moradores sejam entrevistados cinco vezes, sempre com um intervalo de três meses, perfazendo um ano entre a primeira e a eventual quinta entrevista. Assim, a comparação da informação fornecida em duas entrevistas permite quantificar as transições individuais entre diferentes posições ocupadas no período compreendido pelas entrevistas.⁵

O gráfico 9 mostra os fluxos de entrada e saída para a ocupação total⁶ que são normalizados pela população ocupada estimada no terceiro trimestre de 2022. A diferença entre as duas linhas do gráfico é equivalente, por construção, ao crescimento percentual da população ocupada no respectivo trimestre. Desta forma, é possível observar que houve ligeira redução no fluxo de entrada na ocupação no quarto trimestre de 2022, passando do equivalente a 44,9% da população ocupada para 43,2%. Este movimento no fluxo de entrada praticamente se igualou ao fluxo de saída (43,1%), mantendo, portanto, a população ocupada estável.⁷

GRÁFICO 9

Fluxos de saída e entrada para ocupação (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

5. Vale dizer que o IBGE disponibiliza apenas um código identificador do domicílio, de forma que, para seguir a sequência de entrevistas de um mesmo indivíduo, foram usados também o gênero e a data de nascimento dos entrevistados.

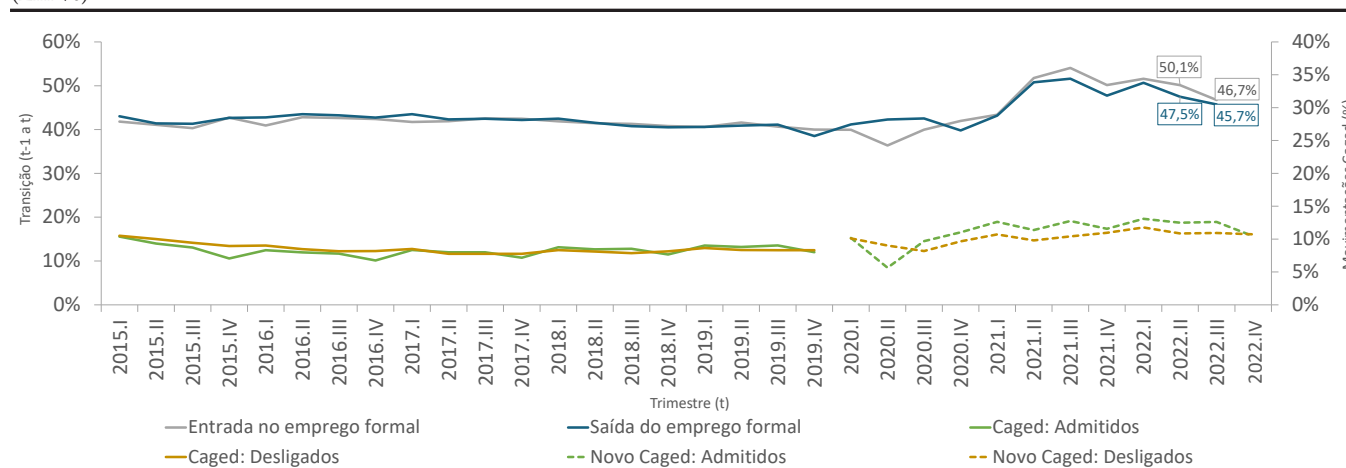
6. Além disso, foi calculado o saldo da soma de todas as variações no peso amostral dos indivíduos que permaneceram ocupados de um trimestre para o outro. Quando esse saldo no trimestre é positivo, é acrescido na série das entradas; quando negativo, na série das saídas.

7. Desses percentuais, a maior parte (cerca de 40%) corresponde a entradas e saídas da amostra, que aproximadamente se compensam.

Por sua vez, o gráfico 10 mostra os mesmos fluxos de entrada e saída, só que para o emprego formal. Nota-se, aqui, que, de modo semelhante ao observado na ocupação total, há uma queda tanto nos fluxos de entrada – de 46,7% para 46,2% – quanto nos de saída – de 45,7% para 44,8% –, no quarto trimestre de 2022, em comparação com o trimestre anterior. No entanto, a queda registrada no fluxo de entrada no emprego formal é mais branda que a registrada no fluxo de entrada na ocupação total, o que explica um leve crescimento do emprego formal no quarto trimestre de 2022 concomitante com uma estabilidade no total de ocupados.

A análise do gráfico 10 revela também que as movimentações extraídas dos dados do Novo Caged⁸ (as linhas pontilhadas no mesmo gráfico) indicam que, no quarto trimestre de 2022, o fluxo de saída (desligados) foi ligeiramente superior ao de entrada (admitidos) na formalidade – 10,7% contra 10,4%, respectivamente –, o que gerou uma ligeira diminuição de 0,3% no saldo líquido no período. Este resultado menos favorável do emprego formal apontado pelo Caged, relativamente ao observado na PNAD Contínua, em um quarto trimestre, não é novidade, e pode ser explicado pela combinação da alta concentração de desligamentos na última semana do ano com a diferença da maneira como as informações são coletadas nessas duas pesquisas. Esses desligamentos são computados diretamente em dezembro no Caged, mas apenas podem ser identificados no primeiro trimestre na PNAD Contínua em razão da necessidade de comparar dois trimestres nessa base de dados.

GRÁFICO 10
Fluxos de saída e entrada para empregados formais¹
 (Em %)



Fonte: Caged e Novo Caged / Secretaria do Trabalho, Ministério da Economia e PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Empregados com carteira.

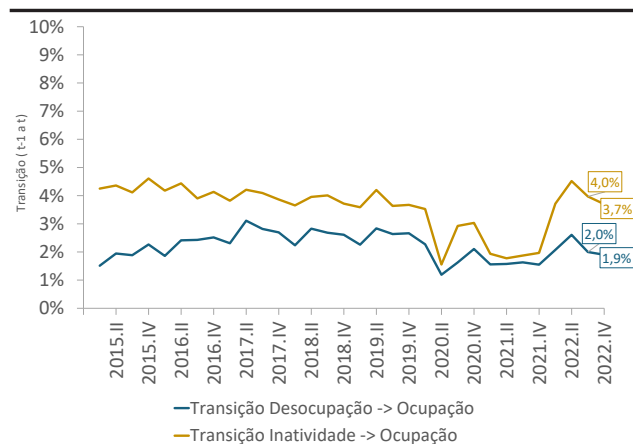
Para melhor compreender a relação entre os fluxos de entrada e saída da ocupação, analisaremos a evolução recente de componentes desses movimentos. O gráfico 11 traz a evolução dos fluxos de entrada na ocupação provenientes do desemprego e da inatividade separadamente. É possível notar que ambas as movimentações contribuem para a redução do fluxo de entrada de trabalhadores na condição de ocupados, com destaque para a retração registrada no componente relacionado à inatividade, que passa de 4% para 3,7% entre o terceiro e o quarto trimestre de 2022.

Já a análise do gráfico 12 mostra que a retração do fluxo total de saída da ocupação (ilustrada no gráfico 9), no quarto trimestre de 2022, é derivada de quedas suaves tanto no fluxo de saída da ocupação com destino ao

8. Embora os dados do Novo Caged sejam disponibilizados em bases mensais, optamos por reportar as movimentações acumuladas em trimestres para facilitar a comparação com os dados da PNAD Contínua.

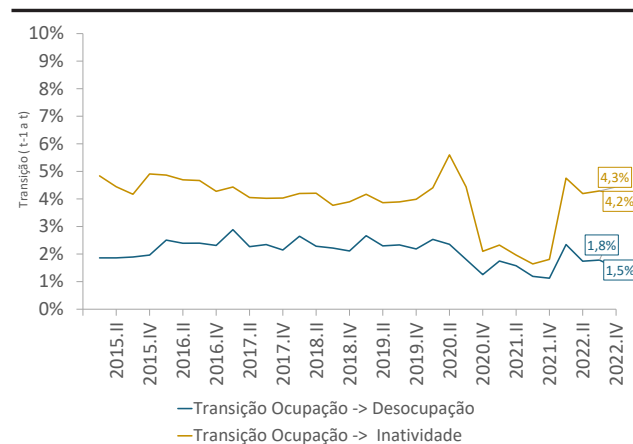
desemprego como à inatividade. Desta forma, nota-se que a redução no fluxo de entrada de trabalhadores em direção à ocupação foi o fator determinante para que a evolução da população ocupada no quarto trimestre de 2022 não mantivesse a trajetória de crescimento registrada nos trimestres anteriores.

GRÁFICO 11
Decomposição das entradas para ocupação
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Ipea.

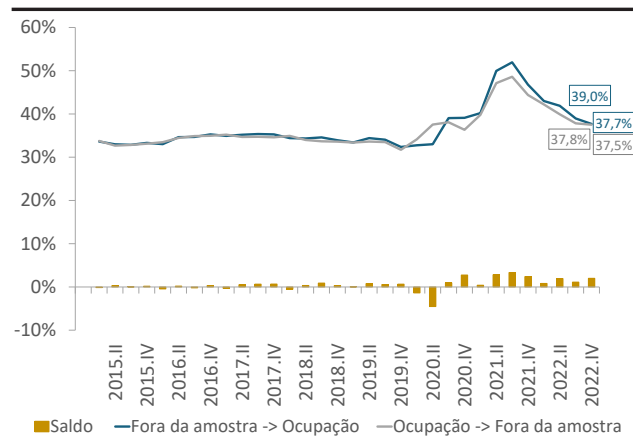
GRÁFICO 12
Decomposição das saídas da ocupação
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, vale notar que a soma das magnitudes das quedas reportadas no quarto trimestre de 2022, tanto para os componentes do fluxo de entrada na ocupação (gráfico 11) como para os componentes do fluxo de saída da ocupação (gráfico 12), não condiz com as quedas reportadas para o agregado desses fluxos no gráfico 9. O motivo dessa aparente incoerência é que a análise feita nos gráficos 11 e 12 foi restrita a indivíduos identificados na amostra da PNAD Contínua nos dois trimestres consecutivos utilizados para construir os fluxos, enquanto a análise do gráfico 9 contempla também os indivíduos que entram e saem da amostra dessa mesma pesquisa. Significa dizer que boa parte da queda de 1,7 p.p. no fluxo de entrada na ocupação reportado no gráfico 9 pode ser explicada pela redução no fluxo de pessoas que estavam fora da amostra em um trimestre e entram no seguinte na condição de ocupadas, como de fato evidenciado pelo gráfico 13, que mostra uma queda de 1,3 p.p. nesse fluxo (de 39% para 37,7%).⁹ Ou seja, uma parte da referida contribuição do fluxo de entrada para o não crescimento da população ocupada, no quarto trimestre de 2022, advém do processo de renovação de parte da amostra da PNAD Contínua a cada trimestre. Nesse processo, a posição de ocupado ficou menos frequente para os indivíduos que entraram na amostra no quarto trimestre de 2022 em comparação com os trimestres anteriores.

GRÁFICO 13
Fluxos de indivíduos que transitam da ocupação para fora da amostra da PNAD Contínua e vice-versa
(Em %)

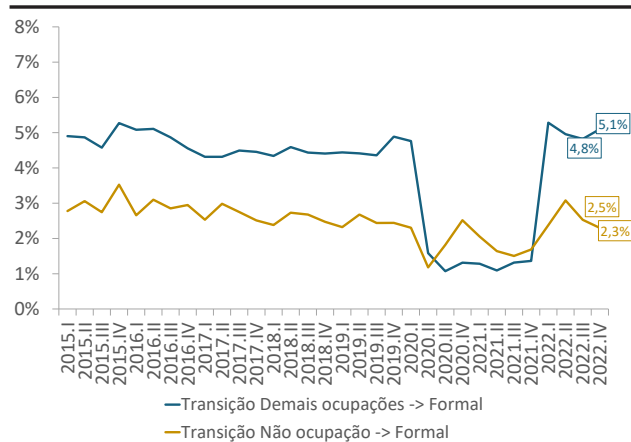


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

9. Vale ressaltar que esse fluxo proveniente de fora da amostra da PNAD Contínua para a evolução da população ocupada sempre apresentou magnitudes relativamente altas, mas estáveis; porém, a partir da pandemia, passou a registrar variações mais voláteis.

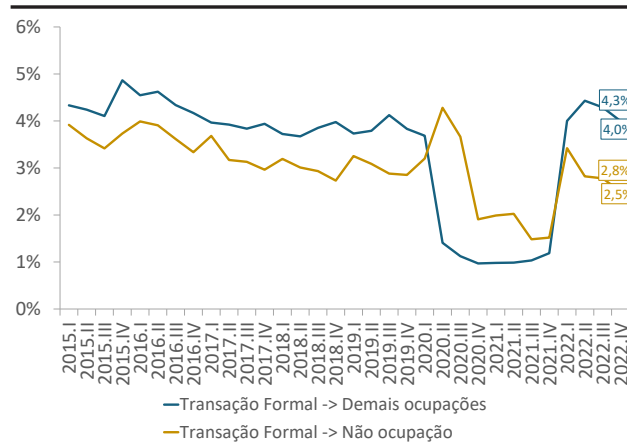
De forma análoga, os gráficos 14 e 15 desagregam os fluxos de entrada e saída do emprego formal. Inicialmente, destaca-se que, no quarto trimestre de 2022, o ligeiro aumento do fluxo de entrada no emprego formal proveniente das demais ocupações (de 4,8% para 5,1%) não chega a compensar a queda observada no componente do fluxo proveniente da desocupação (de 2,5% para 2,3%). Logo, a leve superioridade do fluxo de entrada relativamente ao fluxo de saída, resultando em um modesto crescimento do emprego formal, no quarto trimestre de 2022, tem como fator relevante o fluxo de trabalhadores de ocupações informais para ocupações formais. Já o cenário para o fluxo de saída do emprego formal, no mesmo trimestre, assemelha-se bastante ao observado no emprego total, com suaves quedas nos dois componentes ilustrados no gráfico 15.

GRÁFICO 14
Decomposição do fluxo de entrada para o emprego formal¹
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ Empregados com carteira.

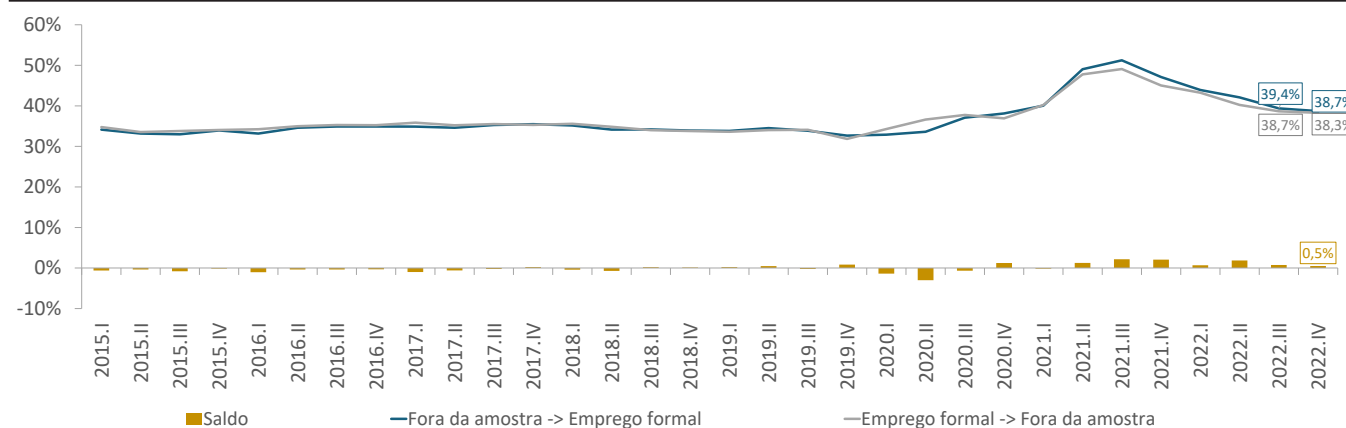
GRÁFICO 15
Decomposição do fluxo de saída do emprego formal¹
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ Empregados com carteira.

Assim como na análise feita para os componentes dos fluxos para a ocupação total, só é possível compreender a queda na entrada no emprego formal (retratada no gráfico 10) ao observar a diminuição do componente relativo aos trabalhadores que entram na amostra da PNAD Contínua já ocupando empregos formais, conforme ilustrado no gráfico 16.

GRÁFICO 16
Fluxos de indivíduos que transitam do emprego formal¹ para fora da amostra da PNAD Contínua e vice-versa
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ Empregados com carteira.

3 Análise desagregada da desocupação

Os dados desagregados, extraídos da PNAD Contínua trimestral, mostram que, no quarto trimestre de 2022, houve, novamente, um recuo significativo do desemprego, em relação ao mesmo período do ano passado, para todos os segmentos pesquisados (tabela 1). Na abertura regional, a pesquisa mostra que, em termos absolutos, embora o Nordeste tenha apresentado a maior queda no período (3,8 p.p.), esta região ainda é a que registra a maior taxa de desocupação (10,9%). Já a maior retração, em termos relativos, foi observada na região Sul, cuja taxa de desocupação passou de 6,7% para 4,5%.

O recorte por gênero revela que, na comparação interanual, mais uma vez, a magnitude da queda do desemprego foi semelhante em ambos os sexos, de modo que, enquanto a desocupação entre os homens recuou de 9,0% para 6,5%, a das mulheres caiu de 13,9% para 9,8%.

TABELA 1

Taxa de desemprego

(Em %)

	2019	2020				2021				2022			
	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.
Brasil	11,1	12,4	13,6	14,9	14,2	14,9	14,2	12,6	11,1	11,1	9,3	8,7	7,9
Centro Oeste	9,5	10,7	12,7	12,9	12,1	12,8	11,6	9,8	8,4	8,5	7,0	6,5	6,2
Nordeste	13,8	15,8	16,5	18,3	17,6	18,9	18,4	16,4	14,7	14,9	12,7	12,0	10,9
Norte	10,7	12,1	12,0	13,3	12,6	15,0	14,1	12,0	11,2	11,7	8,9	8,2	8,1
Sudeste	11,5	12,5	14,2	15,7	15,1	15,3	14,6	13,1	11,2	11,1	9,3	8,7	7,9
Sul	6,8	7,7	9,1	9,6	8,4	8,7	8,2	7,5	6,7	6,5	5,6	5,2	4,5
Masculino	9,2	10,4	12,2	12,9	11,9	12,2	11,6	10,1	9,0	9,1	7,5	6,9	6,5
Feminino	13,4	14,9	15,5	17,5	17,2	18,5	17,7	15,9	13,9	13,7	11,6	11,0	9,8
18 a 24 anos	23,2	26,3	28,8	30,6	29,0	30,0	28,5	25,7	22,8	22,8	19,3	18,0	16,4
25 a 39 anos	10,1	11,0	12,7	13,9	13,4	14,1	13,2	11,5	10,1	10,2	8,3	7,8	7,1
40 a 59 anos	6,5	7,5	8,7	9,9	8,9	9,6	9,5	8,2	7,2	7,1	6,0	5,6	5,3
Mais de 60 anos	4,2	4,4	4,8	5,3	5,2	5,9	5,6	5,4	4,4	4,3	4,0	3,7	3,4
Fundamental Incompleto	10,6	11,5	13,5	14,7	13,7	14,0	13,8	12,1	10,9	10,8	8,9	8,7	7,9
Fundamental Completo	12,5	14,0	16,4	17,3	16,7	15,8	15,7	14,0	13,3	12,2	10,4	10,1	9,3
Médio Incompleto	18,4	20,3	22,3	24,1	23,5	24,2	22,7	20,1	18,4	18,3	15,3	15,3	13,9
Médio Completo	12,2	14,1	15,4	17,1	16,1	17,1	16,2	14,4	12,6	12,7	10,6	9,7	8,5
Superior	7,3	8,2	8,6	9,3	9,2	10,3	9,4	8,2	6,7	7,1	5,9	5,3	4,9

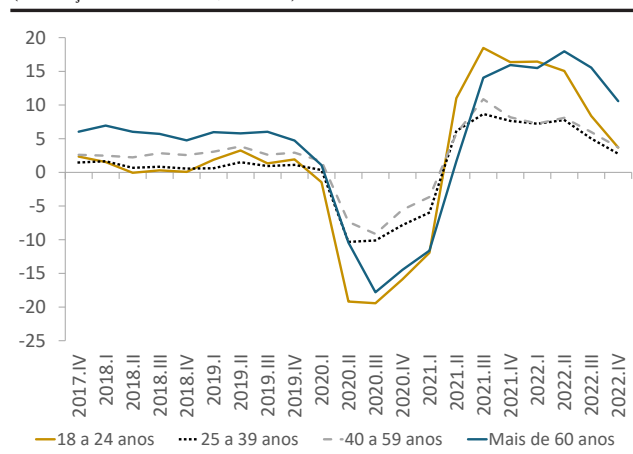
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A abertura por idade mostra que, no quarto trimestre, todos os segmentos etários registraram recuo na taxa de desocupação, tanto na margem quanto na comparação interanual. Nota-se, entretanto, que, nos grupos etários mais baixos, a queda do desemprego ocorre muito mais por conta da desaceleração da força de trabalho do que pela expansão da ocupação. Por certo, no quarto trimestre, enquanto a ocupação dos trabalhadores com idade entre 18 e 24 anos e entre 25 e 39 anos avançou 3,7% e 2,8%, respectivamente, na comparação anual (gráfico 17), a força de trabalho desses segmentos recuou 4,3% e 0,5%, na mesma base de comparação (gráfico 18). No entanto, mesmo diante de um expressivo crescimento da população ocupada (10,6%), a taxa de desocupação do grupo de trabalhadores com mais de 60 anos recuou relativamente menos que as demais, atenuada pela alta de 9,4% da força de trabalho

GRÁFICO 17

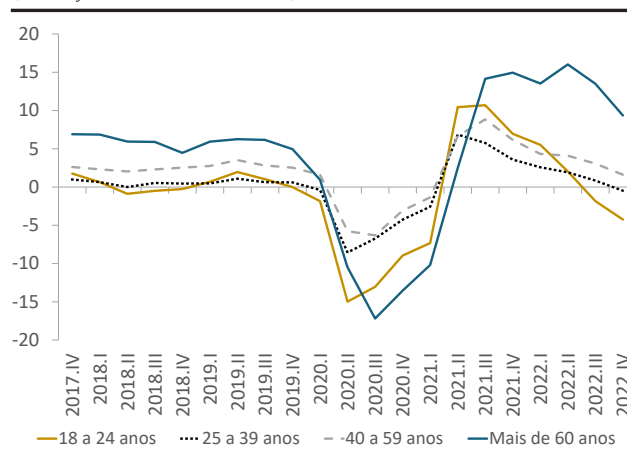
População Economicamente Ativa - por faixa etária
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 18

População Ocupada - por faixa etária
(Variação interanual, em %)

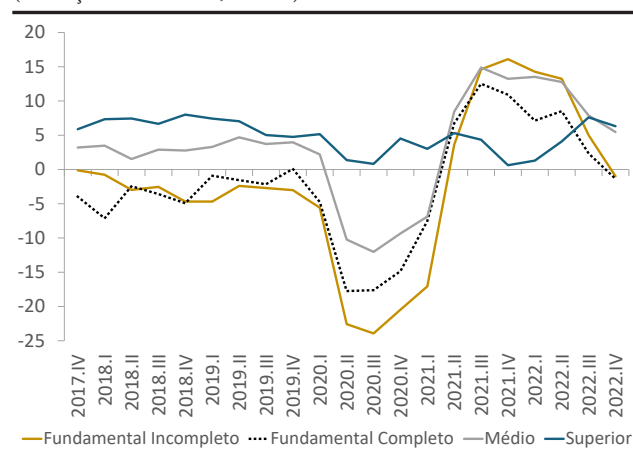


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, a desagregação por nível educacional revela que, nos segmentos menos escolarizados, o recuo da taxa de desocupação ocorre mesmo em um contexto de queda da população ocupada (gráfico 19), tendo sido beneficiada pela retração ainda mais intensa da força de trabalho (gráfico 20). Em contrapartida, a desocupação dos trabalhadores mais escolarizados reflete uma alta mais intensa da ocupação comparativamente à da força de trabalho.

GRÁFICO 19

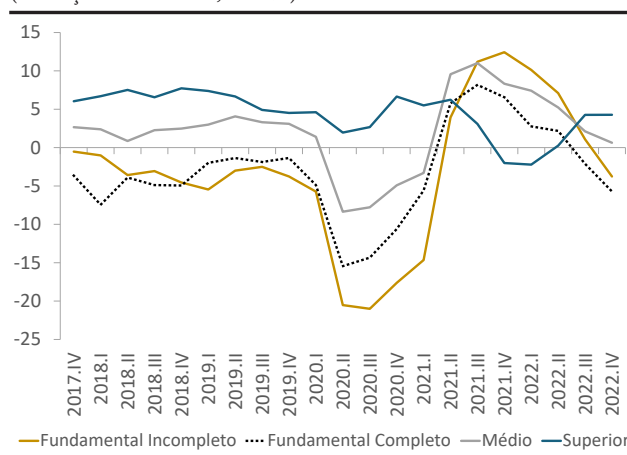
População Ocupada - por grau de instrução
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 20

População Economicamente Ativa - por grau de instrução
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Emprego setorial

A análise da taxa de crescimento interanual do emprego por setor, descrita na tabela 2, revela que a evolução positiva na população ocupada agregada entre os quartos trimestres de 2021 e 2022 é resultado da melhora do emprego em praticamente todos os segmentos, excetuando a agricultura, a construção civil e os serviços industriais de utilidade pública (Siups).

No entanto, quando comparados às taxas interanuais registradas no terceiro trimestre de 2022, os resultados para o quarto trimestre mostram redução em dez dos treze setores contemplados na tabela. Nota-se que entre os setores que registraram desaceleração expressiva do crescimento interanual do emprego estão segmentos importantes como: serviços pessoais (de 24% para 9,8%), serviços domésticos (de 9,6% para 2,1%), administração pública (de 8,8% para 3,7%), alojamento e alimentação (de 8,5% para 3,5%) e comércio (de 7,8% para 4%). Em contrapartida, alguns setores se destacaram por apresentar taxas de crescimento anual do emprego maior no quarto trimestre, relativamente ao terceiro: indústria extrativa (de 13% para 16,3%); transporte (de 9,2% para 10%), e educação e saúde (de 8,5% para 8,9%).

Segundo a PNAD Contínua, em valores absolutos, o setor que mais acrescentou trabalhadores à ocupação, nos últimos doze meses, foi o de saúde e educação, com expansão de 1 milhão de indivíduos entre o quarto trimestre de 2021 e 2022, sendo seguido pelo setor de comércio, que registrou crescimento de, aproximadamente, 740 mil pessoas ocupadas no período.

Deve-se ressaltar, entretanto, que a análise da variação interanual da ocupação setorial para o quarto trimestre de 2022, segundo a posição na ocupação (tabela 3), mostra que para os setores que apresentaram redução no ritmo de expansão do emprego, os resultados por posição na ocupação são menos frustrantes, na medida em que revelam uma melhoria na qualidade do emprego. Para alguns deles (Siup, construção civil, alojamento e alimentação, por exemplo), o emprego formal foi a modalidade com maior crescimento anual em 2022.10 Adicionalmente, no caso dos serviços domésticos e da construção civil – setores tradicionalmente intensivos em mão de obra informal –, o maior crescimento do emprego formal, caso tenha continuidade, pode contribuir para uma diminuição das taxas de informalidade.

Em suma, a análise do emprego setorial desagregando por posição na ocupação parece indicar que o crescimento do emprego formal tem sido mais consistente e menos errático que o do emprego informal nos diversos setores ilustrados: de fato, todos os setores apresentaram crescimento nesse segmento, seja de acordo com os dados do Novo Caged ou da PNAD Contínua.

TABELA 2
População ocupada por setores: variação interanual
 (Em %)

	4º trim. 2020	1º trim. 2021	2º trim. 2021	3º trim. 2021	4º trim. 2021	1º trim. 2022	2º trim. 2022	3º trim. 2022	4º trim. 2022
Agricultura	2,1	3,6	11,2	9,7	4,5	2,5	-0,7	-3,6	-4,4
Indústria Extrativa	-11,3	-11,6	-4,8	5,0	12,1	9,8	18,0	13,0	16,3
Indústria Transformação	-7,3	-5,2	5,3	12,8	9,1	8,2	9,6	3,6	3,1
SIUP ¹	-26,3	-19,2	-18,6	-13,0	8,1	6,5	15,6	4,8	-1,1
Construção Civil	-9,3	-2,5	22,2	20,1	17,4	12,7	11,2	2,7	-1,3
Comércio	-10,3	-8,2	6,1	13,4	11,6	12,2	14,2	7,8	4,0
Informática, Financeira, Serviços a empresas	-0,8	0,9	9,1	10,4	7,2	4,0	5,1	6,9	4,4
Transporte	-11,5	-9,0	4,6	12,6	10,0	10,4	10,0	9,2	10,0
Serviços Pessoais	-18,3	-17,4	3,5	8,8	14,7	19,5	18,7	24,0	9,8
Administração Pública	1,9	-3,0	-3,0	-3,7	-2,4	2,6	1,8	8,8	3,7
Saúde e Educação	-2,1	-0,6	-0,2	4,3	3,1	1,5	7,2	8,5	8,9
Alojamento e Alimentação	-27,6	-26,3	8,8	26,5	23,9	32,5	23,1	8,5	3,5
Serviços Domésticos	-23,8	-18,6	9,0	21,3	21,7	19,4	18,7	9,6	2,1

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ SIUP – serviços industriais de utilidade pública.

10. Na contramão, o setor de saúde e educação, que se destacou pela aceleração do crescimento interanual no emprego no último trimestre, tem no emprego sem carteira o principal responsável por aquele crescimento.

TABELA 3

População ocupada por setores e posição na ocupação: variação interanual (4º trim./2022)
(Taxa de variação interanual, em %)

	Novo Caged ¹	PNAD Contínua		
		Com Carteira ²	Sem Carteira	Conta-Própria ³
Total	4,6	6,1	4,7	-1,8
Agricultura	4,2	8,9	-7,5	-7,9
Indústria Extrativa	3,2	17,1	-0,7	68,5
Indústria Transformação	3,0	5,4	6,5	-7,6
SIUP	3,8	7,9	-16,5	-53,1
Construção Civil	11,8	8,0	1,3	-7,9
Comércio	4,1	7,7	1,8	-1,5
Informática, Financeira, Serviços a empresas	7,3	3,8	9,7	3,0
Transporte	5,8	7,5	18,7	10,2
Serviços Pessoais	10,7	6,3	23,3	6,6
Administração Pública	1,9	1,4	11,0	-
Saúde e Educação	2,5	5,4	22,3	4,0
Alojamento e Alimentação	12,0	16,8	3,9	-6,5
Serviços Domésticos	-	6,5	0,6	-

Fonte: PNAD Contínua/IBGE; Novo Caged/Ministério da Economia.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Normalizado pela população estimada pela PNAD Contínua de trabalhadores formais do quarto trimestre de 2021.

² Empregados com carteira, militares e estatutários.

³ Empregados sem carteira e trabalhador auxiliar familiar sem remuneração.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos (Editor)

Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa

Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter

Andreza Aparecida Palma

Antônio Carlos Simões Florido

Cristiano da Costa Silva

Paulo Mansur Levy

Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão

Antonio Henrique Carlota de Carvalho

Caio Rodrigues Gomes Leite

Camilla Santos de Oliveira

Diego Ferreira

Felipe dos Santos Martins

Izabel Nolau de Souza

Marcelo Lima de Moraes

Pedro Mendes Garcia

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
